ABORDAGEM 3 – A SERVIDÃO CONTEMPORÂNEA

100 anos de servidão

No Amazonas, extrativistas trabalham para pagar dívidas ao patrão. Há três gerações ciclo aprisiona famílias no corte da piaçaba, a palha da vassoura.

Muitos anos depois, diante do irmão caçula, o sexagenário Augusto Miranda Brasão, haveria de recordar que, aos 12 anos, trabalhava ao lado do pai no corte da palha de piaçaba para pagar dívidas aos patrões. Essa palmeira, cuja fibra é usada na confecção de vassouras, marcou a vida de Augusto, seu irmão, pai e avô. Há cem anos, as diferentes gerações da família Brasão vivem sob um expediente criminoso que aprisiona milhares de extrativistas de origem indígena no alto e médio Rio Negro, no Amazonas. Os irmãos vivem na comunidade Malalahá. Como no romance "Cem Anos de Solidão", do colombiano Gabriel García Márquez, a vida dos piaçabeiros se repete em ciclos e tem toques de realismo fantástico. Estão presos a um modo de exploração em que o trabalho se confunde com pagamento de dívida, uma realidade que parece saída do passado.

A relação se baseia em um sistema de empréstimos fornecidos pelos patrões. Pela comida suficiente para um mês de atividade, o patrão cobra cerca de R$ 1.500 (...). Já o quilo da piaçaba vale cerca de R$ 2. O trabalhador recebe apenas o que sobra (quando sobra), descontados os empréstimos. Do total pago no final do mês, o empregador ainda desconta 20% por possíveis impurezas, a tara. E em alguns casos ainda pode tirar 10% pelo "aluguel" do local de trabalho, no caso daqueles que se declaram como donos da área.

Alberto Neres da Silva e Claudia. https://reporterbrasil.org.br/servidao-por-divida/. Acesso em: 1º/5/2019.

Do piaçabeiro de olhos tristes Alberto Neres da Silva, 41 anos, a servidão parece ter roubado a capacidade de reação. "Primeiro eu fui perdendo meus filhos", disse com um ar tranquilo, sobre a história que deveria ser contada como é: tragédia. Em épocas distintas de sua vida, e sempre no contexto da extração de piaçaba, ele perdeu três filhos.

Dois deles adoeceram dentro de piaçabais e lá mesmo foram enterrados. Na primeira vez, o patrão não prestou socorro, conta Neres, sempre sem esboçar revolta. Na segunda, um gerente negou ajuda porque "o patrão não tinha dado ordem". Na terceira vez, Neres chegou em tempo a uma comunidade. Quando o filho melhorou um pouco, o patrão o localizou e disse que a criança ficaria bem. "Estava devendo e achei que aquilo era um aviso. Voltei para o igarapé e, com duas semanas lá, meu filho piorou. O patrão só conseguiu uma voadeira quando a criança já estava mais morta que viva." A tatuagem no braço veio depois da terceira morte: "Deus ten (sic) poder eu tenho fé".

Fonte: Alberto Neres da Silva e Claudia. https://reporterbrasil.org.br/servidao-por-divida/. Acesso em: 1º/5/2019.